



56

O amor das nossas vidas

Começou, o cancro do meu amor, em Agosto do ano passado. Se Deus quiser, acabou de acabar agora, em Maio de 2010. O tempo passou. Os relógios ditaram as ambulâncias e as chegadas; os almoços e os intervalos. Mas, sobretudo, os intervalos. Entre as coisas más e as coisas boas. São curtos; apesar de tudo.

A vida é mais uma acumulação de intervalos do que de interrupções. A doença interrompe. Os tratamentos interrompem. Mas a vida toda que resta está nos intervalos. E é preciosa por causa disso.

Desde que a Maria João adoeceu, tenho andado sempre com um relógio no pulso ou na mala. *A Espiral do Tempo*, afinal, tem razão. Os telemóveis e iPhones não nos dizem as horas sem as pedirmos. Transformam as horas numa transmissão. Os relógios, em contrapartida, estão sempre a mostrar-nos o tempo; quer queiramos; quer não.

Foi a Maria João que me ensinou a passar o tempo. Antes de casar com ela, andava sempre cheio de pressa; sempre atrasado; sempre ansioso; sempre escondido. Mesmo a minha maneira de amá-la era assim.

Amando-me, ensinou-me com o amor que me deu que eu podia ser eu com ela. A mim, que nem sequer comigo, sozinho, era eu. Sentava-me sempre a um-terço do sofá; envergonhado pela minha própria companhia. Estava sempre a trabalhar, mesmo (e sobretudo) quando me divertia. O trabalho divertia-me mais e o divertimento dava-me mais trabalho. Isolei-me para trabalhar menos e divertir-me mais.

Odiava intervalos. Não fazia. Concentrava-me e só parava quando já não podia mais. Achava que os intervalos eram interrupções fisicamente necessárias do tempo bem passado. Como as proverbiais necessidades.

A Maria João ensinou-me que os intervalos também são tempo. Não se faz um intervalo para beneficiar uma actividade e um tempo - para descansar; para recuperar forças; para variar. O intervalo em si vale a pena.

Quanto tempo, por exemplo, passamos a olhar para os semáforos, à espera que fique verde? Ao fim de uma vida, deve ser um Verão inteiro. Porque é que não damos valor à paragem e ao sítio onde estamos, como se estivéssemos de férias, num miradouro peculiar?

Há tantas coisas para ver. É um espectáculo de pormenores e observações. Nenhum dia é igual ao anterior; nenhum momento até.

Em Agosto do ano passado, quando íamos nervosos e angustiados para o IPO de Lisboa, sem saber o que nos esperava, era aflitivo ficar parado nos semáforos da Praça de Espanha, com pressa de chegar ao IPO.

Agora, na Primavera deste ano, gosto de parar na Praça de Espanha. Não são só as plantas e os passarinhos. É a luz. São as pessoas a fazer coisas. É o céu; os jardins da Gulbenkian; os edifícios.

Não fomos nós que fizemos aquele intervalo. Mas fazemos como se tivéssemos parado de propósito, para fazer aquele intervalo. Como se nos tivessem dado o privilégio de parar ali o carro, no meio da Praça de Espanha, só para ver o que se passa à nossa volta. E para conversar. Sem ser sobre a viagem.

Assim como grande parte do tempo que passamos a falar no telemóvel é ocupado com conversas idiotas acerca do próprio telefonema também as conversas enquanto se viaja tendem a ser dominadas pela viagem em si.

É um desperdício discutir rotas; adivinhar trânsitos; prever atrasos e as respectivas consequências; falar dos outros automobilistas; amaldiçoar o azar ou celebrar a sorte que se teve. A não ser que se goste de fazer estas coisas.

Nas viagens que fazíamos ao IPO, aprendemos a conversar um com o outro como se estivéssemos em casa ou a jantar fora. Não foi fácil. Mas a ideia de desperdiçar tempo em que estamos os dois juntos tornou-se tão horrível e ingrata que conseguimos aproveitá-lo para conversar. E rir. E brincar. E descobrir o que pensamos.

O cancro faz lembrar a morte. Faz medo. Mas também faz pensar no tempo. Como é que é se queremos passar o tempo que temos até morrermos? A falar da morte? A morte será assim tão importante que mereça dedicarmos-lhe grandes nacos da nossa vida?

Assim como os intervalos são tão tempo como os valos entre os quais aparecem, o próprio tempo equivale à nossa vida. O nosso tempo acaba quando morremos. Não há nenhum árbitro no céu que vai contabilizar o tempo que perdemos em bichas ou a olhar para semáforo e dar-nos mais uns minutos de jogo.

O que a Maria João me ensinou não é que se tem de aproveitar cada minuto. Esse era o meu erro. Não se aproveita a bicha para fazer telefonemas. Isso tira qualidade aos telefonemas e despromove o próprio tempo; desrespeita a nossa vida. Faz-se um telefonema como se estivéssemos em casa, com vontade de falar com um amigo.

O pior é que este aproveitamento já deu origem a tantos telefonemas de segunda que já não têm salvação. Ouve-se o ruído do motor e pensa-se logo que aquela pessoa só nos está a telefonar para aproveitar um tempo morto.

Não há tempo morto. Nem há falta de tempo. Há o tempo e a ausência de tempo. O tempo é a vida. A ausência de tempo é a morte.

Nós temos um intervalo entre nascer e morrer. Só um. Só um intervalo. Só um tempo. Só uma vida.

Não somos obrigados a abraçá-la. Podemos até não ligar nenhuma. Mas é mais inteligente ser-se egoísta e covarde e forreta com o tempo, gastando o mínimo possível em coisas que nos incomodam.

Quem ama aprende logo como é pouco o tempo. O cancro da Maria João enganou-nos e mostrou-nos como o tempo é grande. Não só passamos ainda mais tempo um com o outro – esse tempo é ainda melhor.

Não foi só um tempo difícil e comprido. Foi também o amor das nossas vidas.